

Porque faltam trabalhadores em Portugal?

Embora os indicadores apontem para uma recuperação robusta da atividade económica nos próximos trimestres, alguns fatores podem limitar a velocidade de recuperação da economia. Entre eles, destacam-se as disrupções nas cadeias de abastecimento globais, decorrentes de problemas no transporte e da escassez de algumas componentes, e a crise energética, com o aumento dos preços da eletricidade e o consequente aumento dos custos de produção.¹ Outro fator, que tem recebido menos atenção, mas que também pode limitar a velocidade de recuperação da atividade económica, é o desajustamento entre procura e oferta que se tem vindo a aprofundar no mercado de trabalho. Mais concretamente, as ofertas de emprego não preenchidas têm vindo a crescer de forma consistente desde o final de 2020, superando os 42.800 no 3T 2021, o nível mais elevado da série. Este aumento contrasta com a evolução da atividade económica, que, ainda que tenha recuperado fortemente nos primeiros três trimestres do ano, manteve-se 2,4% abaixo do homólogo de 2019, e também não é explicado pela menor participação no mercado de trabalho, já que a taxa de participação está nos níveis mais elevados desde o final de 2010. De igual modo, as empresas na indústria e construção têm vindo a mencionar que a falta de trabalho é uma limitação à sua atividade.²

O número de vagas por preencher aumentou em termos homólogos em todos os sectores de atividade no 3T. No entanto, comparativamente com o período pré-pandemia, ou seja, o 3T 2019, a recuperação é díspar entre os sectores de atividade. Entre os vários sectores para os quais existem dados, o sector do comércio e reparação de veículos destaca-se de forma expressiva: no 3T, havia mais de 11.300 postos de trabalho por preencher (quase 30% do total de vagas), o trimestre com o valor mais elevado da série e mais do dobro do registado no 3T 2019. De igual modo, a indústria transformadora e o sector das TIC registam não só crescimentos homólogos muito positivos (+91,8% e 64%, respetivamente), como também já ultrapassam os níveis pré-pandemia. Por outro lado, sectores como os transportes & armazenagem e alojamento & restauração continuam abaixo do registado no período pré-pandemia (-40,7% e -23,5%, respetivamente), embora em ambos a recuperação esteja a acontecer a um ritmo expressivo, com a variação homóloga a chegar a 14,6% e 147,5%, respetivamente. O caso do alojamento & restauração é ainda mais interessante, porque se excluirmos os dados de 2019, máximos da série e que podem ser justificados pelo sucesso do turismo nesse ano, o valor registado no 3T 2021 é o mais elevado da série, mesmo que a atividade turística tenha ficado abaixo dos níveis de 2019.³

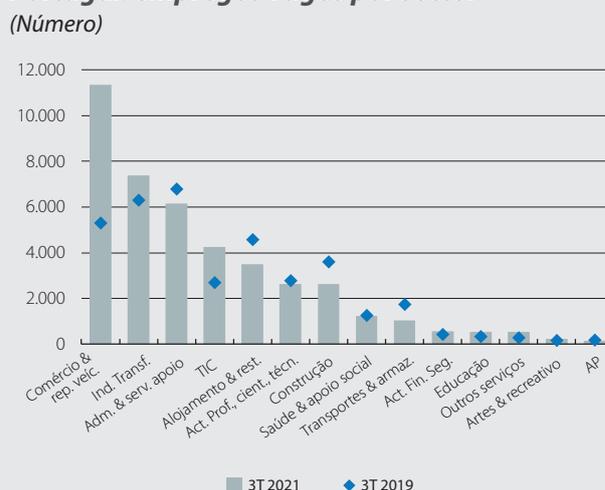
1. Para mais informação, ver «Portugal em 2022, o ano da recuperação completa?», no IM12/2021.
2. Ver Banco de Portugal (2021). «Boletim Económico: dezembro».

Portugal: empregos vagos vs PIB



Fonte: BPI Research, com base nos dados do INE e Eurostat.

Portugal: empregos vagos por sector



Fonte: BPI Research, com base nos dados do Eurostat.

Existem vários fatores que podem explicar este comportamento. Um deles prende-se com o desajustamento no mercado de trabalho resultante de uma crescente dissociação entre a formação e as qualificações dos candidatos, que pode explicar o aumento de vagas de emprego por preencher em sectores como as TIC. A escassez de recursos nesta área é particularmente preocupante: a COVID-19 contribuiu para um avanço incrível do trabalho remoto e do desenvolvimento digital, o que aumentou a procura por este tipo de profissionais. Ao mesmo tempo, as empresas estrangeiras têm recrutado em Portugal pessoal qualificado nesta área, tirando partido do recurso ao teletrabalho e agravando a sua escassez. Contudo, este não é um problema identificado apenas em Portugal: em 2019, quase 60% das empresas europeias que procuravam

3. O número de hóspedes nos estabelecimentos de alojamento turístico no 3T 2021 ficou 31,2% abaixo do registado no 3T 2019.

especialistas em TIC consideraram difícil preencher as vagas de emprego existentes e 13,5 milhões de empregos vagos em 2018 e 2019 eram empregos neste sector.⁴ Em Portugal, destacam-se os programadores de software e aplicações, e os analistas.

Outra razão pode ser o impacto da pandemia nos fluxos de imigração. De facto, os estrangeiros em Portugal, em larga maioria, ocupam os trabalhos mais precários e exigentes, especialmente em sectores como o alojamento & restauração, as atividades administrativas & dos serviços de apoio e o comércio. O número de imigrantes permanentes estava a aumentar desde 2015, mas, em 2020, sofreu uma queda substancial (-7,7%, o equivalente a menos 5.565 imigrantes), em linha com o retorno aos países de origem⁵ e as restrições à mobilidade impostas para atenuar a proliferação da COVID-19. De igual forma, também a população ativa estrangeira caiu em 2020 (-3,5%), contrariando a trajetória ascendente iniciada em 2018. No entanto, e considerando que este fator será temporário, a normalização da atividade deverá voltar a impulsionar estes fluxos migratórios, atenuando o crescimento dos empregos por preencher em sectores como o alojamento & restauração, atividades administrativas & dos serviços de apoio, comércio ou até mesmo na construção.

Por fim, não deixa de ser relevante os receios de contágio da pandemia, afetando de forma mais significativa os sectores que acarretam maior contacto direto com pessoas, como o alojamento & restauração ou atividades de apoio social. É, pois, possível que algumas pessoas anteriormente empregadas nestes sectores, perante o risco sanitário e a elevada incerteza com a implementação de medidas de contenção da pandemia, tenham procurado emprego noutros sectores de atividade. Adicionalmente, não podemos descartar o eventual impacto das alterações dos padrões de consumo na procura por determinados tipos de profissionais: por exemplo, a proliferação do comércio eletrónico terá contribuído de forma muito positiva para a procura e emprego de profissionais no sector dos transportes.⁶

Nos próximos anos, com o processo de transformação e modernização da economia, é esperado um aumento da procura por trabalhadores com determinadas qualificações, especialmente nas áreas STEM,⁷ como os analistas de dados, especialistas em *big data* ou especialistas em

clima e meio ambiente. De igual modo, a implementação do PRR num período temporal tão curto poderá potenciar a escassez de recursos humanos, nomeadamente no sector da construção. Ao mesmo tempo, será importante requalificar os trabalhadores que atualmente desempenham tarefas mais rotineiras, visto que parte deste trabalho será automatizado no futuro. De facto, estima-se que cerca de 40% da mão-de-obra que existia na Europa em 2018 terá de adquirir novas qualificações no futuro, porque mais de 20% das tarefas que desempenham atualmente poderão ser substituídas por tecnologia. Esta situação afetará mais as pessoas com salários mais baixos e de baixas qualificações.⁸

Neste sentido, é possível que o desajustamento entre procura e oferta no mercado de trabalho se agrave na ausência de políticas que potenciem a reversão desta trajetória. A empregabilidade dos trabalhadores deve ser melhorada, adaptando o leque de formação académica e técnica às necessidades do mercado ou a criação de programas públicos para aumento das qualificações ou requalificação dos trabalhadores,⁹ como o Programa Upskill (para a requalificação de profissionais para as áreas da programação) ou o Emprego + Digital (para a requalificação de pessoas empregadas). Ao mesmo tempo, é importante que as empresas desempenhem também um papel ativo, criando as condições e disponibilizando aos seus empregados formas de requalificarem as suas competências. De igual modo, importa implementar medidas de incentivo para imigrantes, não só para mitigar a escassez de mão-de-obra, como também para compensar o envelhecimento da população portuguesa e diversificar o conhecimento.

4. Ver Comissão Europeia (2021). «Joint Employment Report 2021».

5. De acordo com o BCE, existe evidência de que os trabalhadores estrangeiros terão voltado aos seus países aquando o aparecimento da COVID-19. Para mais informações, ver BCE (2021). «Labour supply developments in the euro area during the COVID-19 pandemic». Boletim Económico 7/2021.

6. De forma semelhante ao que aconteceu nos EUA. Ver McKinsey & Company (2021). «Navigating the labor mismatch in US logistics and supply chains».

7. Sigla em inglês para Science, Technology, Engineering e Mathematics. Estima-se um potencial de criação líquida de emprego entre 2018 e 2030 de 25% na Europa nesta área. Para mais informações, ver McKinsey Global Institute (2020). «The future of work in Europe».

8. Ver fonte da nota 7.

9. Ver OCDE (2021). «ECD Economic Surveys: Portugal 2021».